

POSSE DA ACADÊMICA CONSTANÇA MARCONDES CÉSAR NA CADEIRA Nº 1

Dia 04 de Maio de 2001, 6ª feira, Coquetel às 23h00

Local: Universidade Cândido Mendes – Auditório

Petrônio Portella – Ipanema – Rio De Janeiro-RJ

SAUDAÇÃO À CONSTANÇA MARCONDES CÉSAR

Sr. Presidente, Ricardo Moderno, meus caros colegas da Academia Brasileira de Filosofia, prezada amiga Constança Marcondes César, senhora e senhores:

Hoje é um dia de muita alegria para esta Academia: Reunimo-nos para receber e dar posse a alguém cuja vida tem sido dedicada não somente à filosofia, a seu magistério e promoção mas também ao trabalho de pesquisa e difusão da filosofia brasileira e luso-brasileira. Em Constança Marcondes César saudamos a companheira de trabalho cuja maneira discreta de fala e de modos não disfarça, antes acentua a agudeza do intelecto e a finura da sensibilidade filosófica.

De fato, o estilo de filosofar de Constança corresponde a uma expressão delicada, uma forma clara de dizer as coisas sem rudeza, que ao invés de polemizar, respeita a palavra escrita por qualquer filósofo, reconhecendo-lhe sempre o propósito de alcançar e expor a verdade. O estilo de Constança corresponde à sua postura que lhe é intrínseca, a capacidade de estudar e inventariar trabalhos de autores e correntes com empatia preconizada por Aristóteles para a boa compreensão do trabalho alheio, sem sectarismos ou pré-Aristóteles para a boa compreensão do trabalho alheio, sem sectarismos ou pré julgamentos de valor. Consiste também em uma tendência integradora na busca de conciliação dos vários aspectos e diversas

virtualidades da razão, na abertura para os vários níveis e regiões da realidade, no gosto por uma epistemologia que permite aproximar a ciência da arte e da poesia e no fascínio por todas as formas de pensamento que, embora respeitando a multiplicidade das manifestações do Ser, procuram incessantemente um retorno a um princípio de unidade. Não com a pretensão a um sistema, mas sim no desejo recôndito de encontrar as afinidades pressupostas pela crença numa simpatia universal. Por isso, a referência ao estilo do filosofar de Constança implica também o olhar curioso para as representações possíveis do que não é tão transparente à lógica do raciocínio e para o que ainda não foi incorporado satisfatoriamente ao plano transparente da razão.

Ao dizer isto, longe de mim está a veleidade de negar tais virtudes a outros filósofos. Entretanto, o que caracterizo com um estilo próprio do filosofar em Constança é um conjunto de traços. Este somatório integrado de forma harmoniosa será apenas peculiar à ela? Não o posso afirmar com certeza absoluta. O que sei é que nela o ser e o saber se integram num todo de coerência e harmonia que se reflete em toda sua personalidade, em todas as suas atividades, assim como nas suas publicações. E é isto o que a seguir poderemos observar ao acompanharmos sua trajetória acadêmica e a temática por ela abordada em suas pesquisas e publicações. Que já constam de mais

de 100 (cem) trabalhos publicados, que como livros e capítulos de livros, quer como trabalhos apresentados em congressos ou artigos publicados em revistas especializadas brasileiras e estrangeiras.

Constança conquistou todos os graus da carreira acadêmica. Fez sua graduação em Filosofia na PUC de São Paulo e também se doutorou com uma tese orientada pelo renomado filósofo da ciência, Leônidas Hegenberg, intitulada **A Influência de Brunschvicg na Concepção Evolutiva do Conhecimento Científico em Gaston Bachelard**. Em 1989 foi publicado o livro **Bachelard: Ciência e Poesia** pela Editora Paulinas.

Se por um lado, o interesse pela ciência e pelo estudo da epistemologia de Bachelard levou-a a aprofundar a compreensão da linguagem científica, até à reflexão sobre consequências da teoria da relatividade de Einstein na epistemologia contemporânea e na filosofia em geral, por outro lado, o aprofundamento deste estudo levou-a também às questões estéticas levantadas por Bachelard e por conseguinte, à problemática estética e da própria criação.

Constança viu Bachelard um filósofo de um tempo de crise. A temática da crise do nosso tempo acompanha-la-à partir de então sendo posta por ela em evidência em todos os pensadores que irá estudar. Para Constança, a questão fundamental suscitada pelo estudo do filósofo consistiu não em afirmar a historicidade e o progresso nas ciências mas sim em discutir o valor moral da ciência, as consequências humanas e sociais da revolução científica que vivemos. Bachelard distinguira uma dualidade no sujeito cognoscente: por um lado o homem diurno, que utiliza a razão como instrumento da ciência, e por outro, o homem noturno, que pela fantasia e imaginação se instaura no mundo e o apreende através da poesia. A perda do caráter lúdico da descoberta científica, a perda do estreito parentesco entre invenção e poesia em nossa época, teria provocado a crise da ciência contemporânea, a tecnocracia e a carência do sentido humano da técnica. Com Bachelard, Constança aprendeu que deveria ser encontrado um novo horizonte epistemológico mais aberto, no qual a ciência e a poesia não seriam percebidas como opostas entre si, mas sim como eixos complementares do conhecimento.

No período de sua formação, um curso de Extensão Universitária realizado também na PUC de São Paulo com o Prof. Pe. Michel Schooyans sobre **CULTURA BRASILEIRA** veio a despertar o interesse de Constança para o estudo da filosofia brasileira. A abrangência dos seus interesses nos anos de sua formação não ficou por aí. Essa abrangência pode ser constatada pela temática dos cursos de extensão universitária que frequentou durante aquele período: **A Filosofia de Gabriel Marcel, O Humanismo de Teilhard de Chardin, A Teoria Filosófica da Informação**. A par destes, desenvolveu o gosto pela literatura, pelo teatro, em cursos sobre **A História do Espetáculo, sobre Literatura Brasileira Pós-Modernista e sobre O Relacionamento das Artes Plásticas com a Literatura**. Posteriormente, já como professora Titular de Filosofia da PUC de Campinas, participou dos cursos de **Lógica e de Filosofia Lógica** no Centro de Epistemologia e História da Ciência da Unicamp.

Apesar de sua atividade docente se ter desenvolvido principalmente na PUC de Campinas, ao longo de sua carreira tem sido convidada como professora visitante a dar cursos e pronunciar conferências em inúmeras instituições de ensino no Brasil e Exterior.

Entrementes, Constança dedicava-se ao estudo da obra de Vicente Ferreira da Silva para escrever sua tese de Livre-Docência, defendida em 1981 na PUC de Campinas: **Vicente Ferreira da Silva, Trajetória Intelectual e Contribuição Filosófica**. A tese foi eventualmente publicada sob forma de uma série de artigos na revista Reflexão do Departamento de Filosofia da PUC-Campinas, vale assinalar que a revista Reflexão posteriormente veio a ser editada sob a sua responsabilidade e tem se destacado pela amplitude dos temas e pelo valor das contribuições de filósofos das procedências as mais variadas dentro do país e fora dele.

Nos artigos antes referidos, intitulados **A Prioridade Epistemológica do Mito sobre o Logos no Pensamento de Vicente Ferreira da Silva**, Constança analisou a antítese razão-intuição existente nesse pensamento. Segundo sua análise, a verdade para o filósofo paulista não seria redutível ao conhecimento do tipo lógico-dedutivo mas dependeria em última instância da “ordem do coração”.

A tese apontou em Vicente a ênfase em uma modalidade do conhecimento atingido somente mediante a poesia. A ciência, diria o filósofo, seria atenção ao fato, seria exploração do passado. Portanto, se a filosofia não quizesse invadir o terreno da ciência, não haveria de se definir como conhecimento de coisas, como um pensamento pensado, mas sim como “um ato, uma liberdade”.

Nesta superação da filosofia racionalista, Constança reconheceu a projeção para uma nova metafísica. A poesia e a filosofia, enquanto metafísica expressariam a realidade do Espírito, Espírito que, não seria jamais estático, mas antes “um irremediável estar além do já criado, uma eterna ex-centricidade”. Sob a inspiração de Heidegger, Vicente refletira que o Ser, encoberto pelo mundo das aparências, se doaria por meio da palavra, particularmente a palavra mito-poética.

Assim, haveria uma estreita relação entre mito e poesia. O mito seria a linguagem originária, o logos seria então apenas a linguagem decorrente do mito, dele emergido e a ele subordinado.

Está portanto, segundo Constança, teria sido a intuição original de Vicente, a prioridade do mito sobre logos. O mito original de um povo condicionaria não só os valores da história mas também a própria expressão corporal que este povo assume historicamente.

Constança entendeu que Vicente Ferreira da Silva fora sensível à crise de decadência irreversível do mundo ocidental, crise que, ao ver do filósofo detonaria um perigo de desintegração da civilização mas que poderia ainda ser superada pela recuperação da riqueza do mito originário e pela superação do pensar lógico. A experiência hoje vivenciada de afastamento em relação aos valores do Ocidente, já teria sido pressentida por alguns pensadores e estaria clara no campo da arte. Detonaria a emergência do novo, a presença de um pensar libertador que seria o conceito de filosofia enquanto ato, enquanto liberdade.

Posteriormente, ao pesquisar a relação de Vicente Ferreira da Silva com a filosofia Latino-americana, Constança verificou que, havendo se inspirado no pensamento europeu, Vicente, não obstante, realizara sua obra madura a partir do Brasil e da América Latina, pensando seus mitos, sua religiosidade, seu cenário político. Sem deixar

de reconhecer nossa inserção na cultura ocidental, européia, Vicente teria buscado no Brasil, no pensamento latino americano, nos nossos mitos, na poesia, na nossa natureza, na arte e nas manifestações populares das nossas festas as respostas para seus anseios de encontrar este pensamento enquanto liberdade.

O interesse pelo pensamento brasileiro e latino americano motivava igualmente Constança Marcondes Cesar. Em 1984 recebeu uma bolsa de estudos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo para fazer um pós-doutoramento na França na Unversité de Toulouse II (Le Mirail). Os estudos então iniciados no Institut des Hautes Études de L’Amerique Latine foram completados com o auxílio de outra bolsa, esta do CNPq. Daí resultou inicialmente um artigo publicado na revista *Filosofia Oggi* sobre *La Philosophie Contemporaine au Brésil* (Ano IV aprile Giugno 1986) e, posteriormente, um livro publicado em 1988, *Filosofia Na América Latina*. Trata-se de um esboço da produção do Peru, México, Argentina, Uruguay e Brasil durante os períodos em que vigoravam sucessivamente a Escolástica, O Iluminismo, O Ecletismo e o Positivismo, seguido da análise das Tendências Contemporâneas. O objetivo principal fora detectar as influências e inter-relações entre pensadores latino-americanos. Havendo demonstrado as afinidades indubitáveis entre filosofia dos diferentes países estudados, Constança concluiu que a consciência dessa unidade cultural nos países de fala espanhola seria muito maior que a nossa. O trabalho sugere aos brasileiros que o estudo de nossa própria realidade será de muito enriquecido pelo reconhecimento de nossas afinidades – e de diferenças específicas – com relação aos nossos irmãos latino-americanos.

Enquanto isto, as pesquisas epistemológicas motivadas pelo estudo de Bachelard, levaram Constança ao aprofundamento da hermenêutica, quer a hermenêutica dos símbolos na obra Jung, quer na *Mircea Eliade* quer ainda na obra de Paul Ricoeur.

No livro de Ricoeur *La Symbolique du Mal*, ela iria encontrar uma hermenêutica dos símbolos a partir da qual o autor estabelece o laço entre o homem e o sagrado. Constança escreveu então, um artigo intitulado a *Ontologia Hermenêutica*

de Paul Ricoeur, publicado na revista **Reflexão** (nº 76), onde afirma que Ricoeur lhe mostrou ser a compreensão dos símbolos para o homem um momento da compreensão de si mesmo e ao mesmo tempo lhe mostrou também que ao nível da existência a compreensão dos símbolos fez nascer uma nova imagem do homem a qual desencadeia uma superação da modernidade. Como se vê, o tema da superação da modernidade, ou pelo menos da crise da modernidade, encontrava novo eco nos estudos da obra de Ricoeur. Destes estudos resultou um livro publicado em co-autoria com Danilo Di Manno Almeida, e André Dartigues, intitulado **Paul Ricoeur: Ensaio**, editado pela Paulus de São Paulo em 1998. Em 1996 havia sido publicado pela editora Átomo/Puccamp o livro de Constança sobre **A Hermenêutica Francesa**.

Em 1998, no Congresso Internacional de Filosofia realizado em S. Paulo, Constança apresentou uma comunicação sobre conceito de espaço sagrado no pensamento do filósofo romero Mircéia Eliade, onde ela mostrou que, para Eliade, o símbolo por excelência de nossa existência é o labirinto, labirinto no qual encontramos, tal como Ulysses, em busca do caminho de retorno à casa, isto é, ao acesso iniciático ao sagrado. O tema do labirinto e da busca do retorno à casa, simbolizando o anseio de retorno ao espaço sagrado, teria sido reencontrado por Eliade nas obras de arte, no cinema, nos romances, na poesia, e na escultura tanto nos clássicos quanto nos modernos. Eliade também havia posto em relevo, como Constança apontou, a atualidade da obra da espiritualidade indiana, o Bhâgavad-Gita.

Constança já havia iniciado sua trajetória rumo à filosofia indiana desde os sucessivos retornos à filosofia dos clássicos gregos, principalmente desde o aprofundamento do pensamento de Heráclito, estimulado pela leitura de Vicente Ferreira da Silva e do contemporâneo dele no grupo a que ambos pertenceram, Eudoro de Sousa. Tanto Eudoro de Sousa quanto Vicente haviam desenvolvido suas respectivas filosofias no âmbito da compreensão do significado dos mitos para a existência humana e haviam se inspirado no estudo dos pré-socráticos, principalmente em Heráclito. Os escritos de Constança sobre o conceito de Kairós, “consciência do tempo segundo as categorias de evolução ou ruptura, de morte ou transfiguração”, sobre o

conceito de Alma do Mundo, “inteligente, racional e providente”, pela qual “tudo está em conexão, há simpatia universal e a natureza é um todo harmônico”, sobre Plotino e a redenção pelo amor à beleza pela volta ao Uno, tudo isso já a havia preparado para o encontro com a filosofia indiana, inclusive o estudo sobre o orientalismo da poetisa Cecília Meirelles. Seu encantamento com o pensamento indiano levava-a a concordar com a afirmação de Eliade acerca da atualidade do Bhâgavad-Gita. Na obra do indiano Sri Aurobindo, Constança deparou-se com uma trajetória semelhante a sua própria, pois Aurobindo também partiu do pensamento pré-socrático para o encontro com as próprias raízes no pensamento da Índia. Na deliciosa coletânea intitulada simplesmente **Papéis Filosóficos**, editado pela UEL em 1999, Constança reuniu na primeira parte seus diversos artigos sobre a filosofia grega e indiana sob o título sugestivo, da Grécia à Índia. Aí escreveu: “Na Índia, buscava-se a verdade para aplicá-la à vida eo texto do Bhâgavad-Gita aponta o caminho para o conhecimento”.

Finalmente, mas como dizem os americanos: “last but not least” – no ano passado tivemos a alegria de ver publicado o livro porque há tanto esperávamos, sobre **O Grupo S. Paulo**.

Há anos Constança vinha se dedicando ao estudo da obra dos membros deste grupo. Havendo participado desde 1990 dos encontros anuais dos Colóquios Tobias Barreto e Antero de Quental-realizados alternadamente em Portugal e no Brasil para brasileiros e portugueses aprofundarem o estudo da filosofia luso-brasileira, ela vinha sendo instada, principalmente pelo filósofo português Antonio Braz Teixeira, Diretor da Imprensa Nacional de Portugal a organizar em livro o conjunto de seus escritos sobre o pensamento dos membros do Grupo de S. Paulo: Vicente Ferreira da Silva, Miguel Reale e os portugueses de nascimento, Agostinho da Silva e Eudoro de Souza. Em redor deles, na década de 40 e 50 giraram petas, artistas plásticos, críticos de arte, filósofos, estudiosos de teatro e música; desse grupo partiram duas linhas principais da especulação brasileira contemporânea, o culturalismo e o pensamento de feição existencial, na sua vertente aberta ao valor fundante do mito. Ao tratar da relação homem-natureza no pensamento de Vicente Ferreira da Silva e Miguel Reale, Constança afirma que no Brasil as duas

correntes filosóficas que estão atentas à urgência da reflexão sobre estas relações em uma sociedade técnica em desenvolvimento são justamente a filosofia existencial e o culturalismo. Por isso mesmo, sobrepondo-se às discussões sobre a questão do conhecimento e da consciência, surge agora no Brasil um novo polo de reflexões, a questão ética.

O livro de Constança, com seus estudos sobre os quatro principais membros do Grupo de São Paulo, representa referência obrigatória para quem quer que a partir de agora queira pesquisar este momento riquíssimo do pensamento luso-brasileiro, pela fecundidade intelectual da obra de seus membros.

No livro destaca-se também a empatia com que se trata a obra de Agostinho da Silva, com sua crença no advento do Império do Espírito santo inspirada na filosofia da história do monge medieval Joaquim de Fiori. Quando Agostinho indaga pelo que foi feito de Portugal, pelo que foi feito do reino do Espírito, quando se indaga como chegar ao mundo novo se o atual está em crise, ele mesmo responde, inspirado em Fernando Pessoa, que Portugal é a língua portuguesa e que através da língua se construirá o reino, o reino do Espírito que sopra através da palavra. A tarefa dos povos da língua portuguesa há de ser a de unificar o mundo. Este Portugal metafórico refere-se ‘a aproximação entre homens e à fusão entre o humano e o divino. Remete à transcendência em direção ao Uno primordial. Na visão de Agostinho e de quantos ele contaminou com seu sonho lecionando e fundando centros de cultura por toda parte, na Europa, na Argentina, Brasil, nos EEUU, na África e na Ásia, fundando universidades como a de Santa Catarina e de Brasília fazendo conferências de Nova York a Tóquio e mantendo assídua correspondência com centenas de pessoas pelo mundo afora, – nesta

visão, o papel do Brasil no mundo, há de ser o de construir um caminho para o advento da civilização do Espírito. O Brasil que emerge dos seus textos há de ser ponto de encontro da Europa, África e Ásia como intermediário dos traços culturais destes continentes e para isso o Brasil chamará em seu auxílio as outras nações da América Latina.

Também Constança, num dos raros momentos em que se deixa levar pela emoção, nos revela um sonho, similar de Agostinho. No texto em que compara as duas democracias, Democracia Grega, **Democracia Contemporânea: Continuidade e Renovação**, ela escreve: “Para nós, o homem sábio, o real tecelão de que Platão nos fala, é o símbolo da política unida à ética e justiça no mundo social... O real tecelão é cada homem, na república de sua alma; o real tecelão é o símbolo do mundo vindouro, que devemos começar a construir, primeiro em nossa alma, depois em nossa cidade....” (César, Papéis Filosóficos, p. 39).

Constança nos relata que Agostinho da Silva não se considerava filósofo porque sua formação básica havia sido realizada em Filosofia. No entanto, ela acrescenta, “se entendermos a filosofia no seu sentindo originário de busca da sabedoria, de compreensão global da realidade mediante o exercício do inteligir para além das aparências; se entendermos filosofia como ascese moral e regra de vida, como foi caracterizada na meditação grega – Agostinho da Silva, velho sábio que se põe seu saber a serviço da pólis, pode ser chamado de filósofo” (Cesar, O Grupo de S. Paulo, p. 199).

Este conceito do filósofo, Constança, você também o realiza plenamente. Seja, pois, bem vinda a esta Academia.

Anna Maria Moog Rodrigues
Rio de Janeiro, 4 de maio de 2001

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA REFLEXÃO

A Revista *REFLEXÃO*, órgão oficial da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas, aceita colaborações que lhe forem enviadas, a convite ou espontaneamente, reservando-se o direito de publicá-las ou não. Os artigos enviados não devem exceder 30 laudas, digitados no *Word for Windows*, fonte 12. Deverão ser remetidos em três vias impressas, acompanhados do arquivo salvo em disquete. A redação deve seguir as normas da ABNT quanto à Bibliografia, Notas, Referências e outras ligadas à publicação. As notas devem ser feitas no rodapé. Os trabalhos serão acompanhados de um resumo em português de até 10 linhas, com a versão em francês ou inglês. Devem ser também apresentadas pelo menos três palavras-chave. Os autores deverão mencionar a(s) sua(s) maior(es) titulação(ões) acadêmica(s) e a(s) instituição(ões) a que estão vinculados. Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos enviados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

CORRESPONDÊNCIA E INFORMAÇÕES

Toda correspondência deve ser enviada à

Revista *REFLEXÃO*
EDITORAÇÃO DAS REVISTAS DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PUC-CAMPINAS – CAMPUS I – PARQUE DAS UNIVERSIDADES
RODOVIA DOM PEDRO I – PRÉDIO ADMINISTRATIVO I – SALA 22
CAIXA POSTAL 317
CEP: 13086-900

PEDIDOS DE INFORMAÇÕES COM:

Washington Neves da Silva (Responsável pela Editoração)
Telefone: (0xx19) 3756-7298
E-mail: edicch@puc-campinas.edu.br

Priscila Laoz Rocha (Secretaria Administrativa)
Telefone: (0xx19) 37567238
E-mail: filosofia@puc-campinas.edu.br

Márcia Figueredo dos Santos e Sandra Mara Lima Ferreira (Secretaria Acadêmica)
Telefone: (0xx19) 37567369

Institutions interested in exchange of publications are requested to address to. *Las instituciones interesadas en el cambio de publicaciones son invitadas a dirigirse a. *Les institutions que désirent établir un échange de publications sont priés de s'adresser a *Le istituzioni che vogliano ricevere questa pubblicazione in forma di cambio fare la richiesta.

Editoração: Beccari Propaganda e Marketing
Rua Pedro Álvares Cabral, 183 – Campinas – S.P. – Fone Fax (19) 3255-6311
E-mail: editora@beccari.com.br
Impresso por: Gráfica e Editora Flamboyant Ltda
Rua Dr. João Quirino Nascimento, 493 – Campinas – S.P. – Fone Fax (19) 3252-6835
E-mail: flamboyant@dglnet.com.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
(Sociedade Campineira de Educação e Instrução)

Grão-Chanceler

Dom Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Pe. José Benedito de Almeida David

Vice-Reitor

Pe. Wilson Denadai

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Jamil Cury Sawaia

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. Dra. Vera Sílvia Marão Beraquet

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Profa. Dra. Carmen Cecília de Campos Lavras

Pró-Reitor de Administração

Prof. Antonio Sérgio Cella

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor

Pe. Paulo Sérgio L. Gonçalves

Diretora-Adjunta

Profa. Maria Salete Zulzke Trujillo

FACULDADE DE FILOSOFIA

Diretor

Prof. Tarcísio Moura

ARTIGOS / ARTICLES

- 11 **O conceito de *prudentia* no comentário de Tomás de Aquino ao Livro VI da *Ética a Nicômaco***
Le concept de prudentia dans le commentaire de Thomas d'Aquin sur le livre VI de L'Éthique à Nicomaque
• João Carlos Nogueira
- 19 **Ética e Psicologia em Aristóteles**
Éthique et Psychologie chez Aristote
• Fabiano Stein Coval
- 35 **Ética e axiologia radicados na vida humana segundo García Morente**
Éthique et Axiologie enracinées dans la vie humaine selon García Morente
• Arlindo Ferreira Gonçalves Jr.
- 47 **Pessoa, grupo e comunidade: pontos para a reflexão sobre a problemática antropológica, ética e educativa no personalismo ontológico de N. Berdiaev**
Personne, groupe et communauté: des thèmes de réflexion sur le problème anthropologique, éthique et éducationnelle dans le personalisme ontologique de N. Berdiaev
• Denis Domeneghetti Badia
- 55 **Platão entre dois desejos**
Platon entre deux désirs
• Maria Carolina Alves dos Santos
- 67 **Um paradoxo histórico: um parêntesis de Aristóteles em exílio por mais de 2000 anos**
Un paradoxe historique: une parenthèse d'Aristote en exil durant plus de 2000 années
• Rogério Burnier

ENSAIOS E DEBATES / NOTICES ET DÉBATS

- 73 **Um professor: a autobiografia de Bobbio**
Un professeur: l'autobiographie de Bobbio
• Celso Lafer
- 77 **A abordagem holística transpessoal na ótica wiberiana**
L'approche holiste transpersonnel dans la perspective wiberienne
• Vera Irma Furlan

SAUDAÇÃO / SALUTATION

- 85 **Posse da Profa. Dra. Constança Marcondes César na Academia Brasileira de Filosofia**
Séance de Constança Marcondes César dans l'Académie Bresilienne de Philosophie
• Anna Moog Rodrigues